

Os celtas através dos olhares mediterrâneos

Pedro Vieira da Silva Peixoto¹

“Eu não sou eu nem sou o outro, / Sou qualquer coisa de intermédio: / Pilar da ponte de tédio / Que vai de mim para o Outro.” (Mário de Sá-Carneiro. Poesias. Lisboa: Ática, 1991, p.94)

Introdução

A partir da proposta do atual Encontro, que busca discutir “*As memórias do Mediterrâneo Antigo*” este artigo tem por objetivo analisar a forma através da qual sociedades mediterrâneas foram capazes de estabelecer relações diversas de identidades e alteridades com sociedades consideradas, pelos helenos, como tipicamente ‘bárbaras’. Assim, almejamos problematizar os relatos que discutem as sociedades ‘bárbaras’, a fim de identificarmos como o discurso da *barbárie* é construído e atribuído sentido à realidade, formando relações e sentimentos identitários.

Tendo ainda em vista que, a partir da noção de etnicidade e identidade helênica, há uma diversidade de sociedades consideradas bárbaras, optou-se, aqui, como recorte temático, por centrar-se a presente análise em torno da figura dos *keltoi* (celtas), como *barbaroi* a serem discutidos. Isso será feito a partir de documentação textual das obras de autores como Platão, Aristóteles e outros, influenciados, em especial, pelos relatos de Possidônio², tais como Ateneu, em seu *Deipnosophistae*, Estrabão em sua *Geografia* e Diodoro da Sicília na *Biblioteca Histórica*.

Gregos e Celtas: encontros e enfrentamentos, tensões e interação

Vários foram os autores gregos e romanos que descreveram as sociedades celtas e suas participações em alguns acontecimentos históricos que marcaram as sociedades Mediterrâneas³. A visão que gregos e romanos tinham dos celtas era basicamente a de uma sociedade bárbara guerreira – a imagem que, em grande parte é construída, é a de um povo feroz, corajoso em excesso, beligerante, descontrolado, sem limites e demasiadamente agressivo e violento. Em grande parte, tal visão se deve, sobretudo, à atuação dos celtas como mercenários e aos saques promovidos por eles no Mediterrâneo a partir do IV século.

Quase sempre o principal contato que os autores mediterrâneos tinham com os celtas vinha através da guerra e das investidas realizadas por algumas tribos em seus territórios: os gregos, após o século III, com o ataque realizado pelos celtas ao coração da Grécia indo até a Ilha de Delphos, passaram a nutrir uma espécie de preocupação acerca dessas sociedades, considerando-os uma espécie de perigo constante e não muito distante. Segundo Philip Freeman (2006, p.30), a pouca quantidade de documentação grega em relação aos celtas até o século III deve-se ao fato de que, até aquele momento, não havia motivo para que os gregos se preocupassem com os celtas, pois para aqueles estes eram somente mais um outro “povo bárbaro” distante e, embora, ocasionalmente, pequenos grupos servissem como mercenários em exércitos contratados, eles não representavam nenhuma ameaça ao civilizado homem grego e a seus negócios diários.

De certa maneira, ao longo de todos os séculos IV, III e II, a progressiva intensificação das diferentes formas de interação entre as comunidades além dos Alpes e as do Mediterrâneo acabou por permitir que membros desses grupos passassem a formar cada vez mais ideias a respeito daquele “outro” com o qual estavam interagindo, combatendo, negociando ou dialogando. No processo, todos aqueles que estavam envolvidos, continuamente, recriaram suas próprias identidades em resposta às situações de mudanças e contatos que experimentavam (WEELS, 2002, p.104). Dessa forma, tal

como Marc Augé defende (1998, p.28), acreditamos que as afirmações identitárias se deram a partir das redefinições das relações de alteridade.

No que diz respeito aos autores antigos, devemos chamar a atenção para as diversas motivações específicas de cada autor ao escrever seus relatos (FREEMAN, 2002, p.ix), para suas visões e percepções de mundo e, ainda, para as fontes que eles utilizaram ao escreverem suas narrativas (WEELS, 2002, p.106). No entanto, acreditamos que, independentemente das particularidades e especificidades de cada um, todos os autores aproximam-se em um sentido: o de que os celtas por eles relatados são sempre entendidos como o “outro”, o bárbaro. Segundo Barry Cunliffe, a mensagem comum que todos esses autores desejavam comunicar era a dos seus próprios sistemas triunfando sobre as forças de fora, ou seja, a racional, civilizada ordem contrastada com o selvagem, o caos dos primitivos bárbaros (CUNLIFFE, 1997, p.6).

Os celtas na documentação textual antiga: a alteridade destacada

Assim, em complemento à idéia anterior, podemos chamar a atenção para um aspecto que consideramos ser de grande importância: embora cada um dos autores aqui analisados sejam detentores de particularidades discursivas, motivações específicas, locais de fala diferentes em suas sociedades e estejam, até mesmo, inseridos em temporalidades distintas, todos eles foram capazes, cada qual a seu modo, de criar um sistema de conhecimento em relação a esse estranho ‘outro’, o celta⁴.

Os celtas se tornam, dessa forma, para o Mediterrâneo, uma temática a ser moldada, criada, construída, desconstruída e reconstruída constantemente ao longo de séculos. Temática essa, que é feita presente a partir das mais diferentes formas de representação. Eis que deparamo-nos, portanto, diante de um complexo processo de significação da alteridade que não é inocente, isto é, que perpassa e implica relações de poder.

Apresentamos, a seguir, os relatos antigos por nós selecionados⁵. Desejamos, colocando tais textos lado a lado, articulá-los, de modo a identificarmos uma possível repetição de valores, significados e ideologias mais recorrentes. Queremos, com isso, ser capazes de construir um quadro comparativo entre o discurso ideológico criado em relação ao modelo ideal de cidadão e o seu extremo oposto – o bárbaro, no caso, o celta.

Documentação textual antiga – os celtas nos relatos gregos	
Autores	Passagens destacadas e referência bibliográfica
Platão (428/7- 347 a.C.)	“Eu não estou me referindo a beber ou não beber o vinho em geral, mas sim à bebedeira, à embriaguez simples e pura. A questão é: será que devemos lidar com isso tal como os citas, persas, cartagineses, celtas, iberos e trácios, que são todas raças beligerantes, (...), enquanto que os citas e os trácios, tanto homens como mulheres, tomam o vinho puro e deixam-no escorrer pelas suas roupas, e acreditam ser esta uma prática muito nobre e esplêndida, e os persas que se saciam neste e muitos outros hábitos luxuriosos os quais você rejeita, embora de uma forma mais ordenada que os outros?” (Platão, <i>Leis</i> , I, 637d-e)
Aristóteles (384 - 322 a.C.)	“O homem que é extremo na ausência de medo não possui nome para descrever sua condição; eu já mencionei que condições extremas quase sempre não possuem nomes para descrevê-las. Qualquer um pode ser considerado completamente louco ou fora de seu senso se não temesse a nada, nem terremotos, nem as ondas do mar como dizem dos celtas.” (Aristóteles, <i>Et. Nic.</i> , III.5, b28) “Assim, não é um homem corajoso, aquele que suporta coisas formidáveis por ignorância (por exemplo, se devido à loucura ele viesse a enfrentar os raios/ trovões), nem mesmo se ele fizer isso devido à paixão conhecendo o grande perigo que corre, como os celtas ‘tomam armas contra as ondas do mar’; e, em geral, a coragem dos bárbaros tem um elemento de paixão.” (Aristóteles, <i>Ética a Eudêmio</i> , III.1, 1229b)
	“Esses comerciantes [italiotas] levam [para a Céltica, ou Gália] vinho em barcos através de rios e por carroças pelas planícies e em retorno eles fazem um ganho

<p>Diodoro da Sicília (90 – 27 a.C.)</p>	<p>incrível, pois eles recebem um escravo em troca do vinho que entregam.”(Diodoro, <i>Biblioteca</i>, V.26)</p> <p>“As mulheres gaulesas não são somente iguais aos homens em tamanho, mas elas também a eles se igualam em força física.”(DIODORO DA SICÍLIA, <i>Biblioteca</i>,V.27)</p>
<p>Estrabão (63/4 a.C. -24 d.C.)</p>	<p>“Toda a raça, que agora é chamada tanto de gálica como gálata, é louca por guerra (...). Portanto, se provocados, eles vêm todos de uma só vez para a luta, tanto abertamente e sem reservas, que é, então, fácil de derrotá-los para aqueles que o fizerem através de estratagemas. De fato, se irritados, seja por qual for o pretexto ou motivo, eles estão prontos a arriscar completamente suas vidas, sem nada para ajudá-los na batalha, a não ser sua energia e ousadia.” (Estrabão, <i>Geografia</i>, 4.2, 5)</p> <p>“Porém no que diz respeito aos seus costumes envolvendo homens e mulheres (eu me refiro ao fato de que as tarefas estão invertidas, de maneira oposta ao que ocorre entre nós), este é um em que eles compartilham com muitos outros povos bárbaros.”(ESTRABÃO, <i>Geografia</i>, 4.4.3)</p>
<p>Ateneu (II- III séc.d.C.)</p>	<p>“Os celtas, sabendo que os ilírios adoravam se saciar em banquetes, convidaram a todos para um grande banquete em suas tendas. Porém, eles colocaram uma certa erva na comida que atacava imediatamente o intestino produzindo diarreia em massa. Os celtas então capturaram e mataram alguns deles enquanto outros jogavam-se em rios incapazes de suportar as dores.” (Athenaeus, <i>Deipnosophistae</i>, X, 443, citando Theopompus, <i>A História de Felipe</i>).</p> <p>“Posidônio relata que os celtas às vezes envolvem-se em combates singulares em banquetes. Essas lutas começam amistosamente como uma espécie de jogo entre guerreiros que aplicam golpes uns nos outros em bom espírito. Contudo, algumas vezes sangue é tirado, os temperamentos ficam fora de controle e eles lutam até a morte ao menos que outros convidados os impeçam.”(Ateneu, <i>Deipnosophistae</i>. IV, 154).</p>

Podemos, portanto, afirmar que todos esses relatos, criados, sobretudo, a partir de encontros e enfrentamentos com tais sociedades, vinculam os celtas a uma esfera de *barbárie* visível. Os celtas são, por conseguinte, o exemplo perfeito da alteridade – tudo

aquilo que um cidadão heleno civilizado que vive em uma *koinonia politiké* (comunidade política) organizada, que é a *pólis*, justamente não é, ou não deve ser.

Um bom exemplo disso é o que diz respeito às relações de gênero. O discurso ideológico grego reservava às mulheres a condição de inferiores aos homens e insistia na existência de uma demarcação rígida de espaços sociais pelo gênero⁶ (LESSA, 2002, pp.124-125). Ora, o discurso que é criado em relação às dinâmicas de gêneros entre os celtas é totalmente marcado por um estado de inversão completa dos valores ideais, em que as mulheres supostamente se encontrariam exercendo funções que na concepção de tais autores deveriam ser restritas ao universo masculino.

Os autores gregos foram capazes de criar um importante modelo estereotipado de representação dos “outros” (CUNLIFFE, 2003, p.11). Isto é, um sistema de conhecimento sobre esses ‘bárbaros’. Tal modelo se baseia, porém, na exterioridade de quem o cria e representa; justamente por isso, acaba por dizer mais respeito àquele que o elabora do que àquele que é relatado (ARNOLD, 1995, p.153, SAID, 1996, p.32, SAÏD, 1985, p.150). Defendemos assim, só ser possível analisar os celtas, tal como são apresentados nos relatos etnográficos antigos, entendendo-os, primeiramente, como construções culturais (WELLS, 2002, p.105), o que não implica dizer que estas não possuíssem algum vínculo com a realidade vivida pelas sociedades celtas (CUNLIFFE, 2003, p.11)⁷.

Considerações finais: discursos colocados frente a frente – ‘Nós’ e os ‘Outros’.

Como podemos pensar os celtas, então, a partir dos textos antigos?

Ao que nos parece, sobretudo, como construções culturais. Isto é, os celtas que são a nós apresentados a partir dos relatos clássicos configuram-se como uma espécie de discurso bem particular. Discurso esse criado e pensado em relação a indivíduos considerados como “outros”. Não à toa os celtas sintetizam, neste sentido, tudo que um cidadão ideal civilizado não deve ser – agressivo, violento, desmedido, precipitado, traiçoeiro, desrespeitoso, dentre outras inúmeras atribuições. No que diz respeito a

algumas virtudes e características, ora presentes, ora atribuídas, ora desejadas, construídas a partir dos textos antigos, deparamo-nos, portanto, com o seguinte quadro:

Helenos – ‘Nós’ – Civilizado	Celtas – ‘Outro’ – Bárbaro
Justa medida.	Excesso, exagero.
<i>Koinonía politiké</i> (vida em <i>pólis</i>), religião cívica, desde Sólon (séc.VII-VI a.C) cidadão não escraviza cidadão, todos estão submetidos às leis.	Estado de <i>barbárie</i> – não vivem em <i>pólis</i> , ausência dos deuses helênicos, escravizam-se uns aos outros trocando-se até mesmo por bebida, ausência das leis.
Âgon – esfera de competição saudável e boa a <i>pólis</i> .	Competições violentas e mortais.
Língua compreensível.	Baluciam um <i>blábláblá</i> ao invés de falar uma língua compreensível. ⁸
Hoplita (camponês-cidadão-soldado) – combate em conjunto.	Combates singulares, individuais movidos, sobretudo, somente pela paixão e impulso.
Esposa <i>mélissa</i> – ‘mulher ideal’ sinônimo de civildade (mulher controlada e contida).	Mulheres bárbaras, descontroladas – inversão completa dos valores de gêneros.

É neste processo de construções culturais que são produzidas diversas relações de identidade e alteridade, relações estas que são, constantemente, repensadas, debatidas e readaptadas de acordo com as intenções e necessidades de cada momento e de cada um de seus autores.

Deparamo-nos, portanto, com um desafiador paradoxo em relação à documentação textual antiga. Se por um lado, a partir dos textos antigos, somos capazes de analisar instituições e práticas culturais celtas importantes, ao mesmo tempo devemos ter sempre em mente os cuidados e os limites necessários para tais análises, buscando identificar e problematizar os discursos ideológicos que estão sendo criados e as principais tensões e interações existentes entre os autores antigos e aqueles por eles relatados.

Notas:

1 - Aluno do oitavo período do curso de Graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob a orientação do Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa e a co-orientação da Prof^a. Dr^a Adriene Baron Tacla (UFF). Membro e pesquisador do Laboratório de História Antiga (LHIA) da UFRJ. E-mail: pedropeixoto@ufrj.br

2 - Para maior aprofundamento em relação ao debate sobre a tradição possidônia e as etnografias gregas e latinas das sociedades celtas, conferir TIERNEY (1960).

3 - Hecateu de Mileto, Heródoto, Xenofontes, Platão, Pseudo-Scylax, Eudoxus de Cnidos, Aristóteles, Éforo de Cyme, Theopompo, Píteas, Ptolomeu I, Sopater, Políbio, Possidônio, César, Cícero, Lívio, Ausonius são alguns dos principais autores que falaram, em algum momento de suas obras, a respeito dos antigos celtas (FREEMAN: 1996).

4 - Para ajudar a visualizar a riqueza, complexidade e diversidade dos relatos existentes em relação aos celtas, podemos mencionar que há autores, inclusive, que foram capazes de introduzir os celtas diretamente na mitologia do mundo Mediterrâneo (Cf. FREEMAN, 1996, pp.25-26). Exemplos disso podem ser observados em Asclepiades de Tragilus (*Comentários de Probus na Georgica de Virgílio*, 2, 84), em Apolônio de Rodes (*Argonautica*, 4, vv.611-47) e nos *Hinos a Delos* do poeta Callimachus nos quais vemos a figura dos celtas apropriada e inserida em contexto mitológico grego, semelhante, assim, à dos Titãs.

5 - Optamos por tal forma de esquematização tendo em mente, basicamente, dois fatores. O primeiro deles visa a uma forma mais didática de apresentação da documentação a fim de organizá-la de maneira mais clara e de fácil entendimento. O segundo devido às limitações de extensão do presente artigo. Privilegiamos, portanto, uma apresentação concisa e prática dos relatos antigos, tentando torná-la mais eficaz.

6 - Aristóteles, por exemplo, afirmava que “o macho é, por natureza (phýsis), superior e a fêmea, inferior. Aquele domina e esta é dominada;” e que “o mesmo princípio se aplica necessariamente a todo gênero humano” (ARISTÓTELES, *Política*, I, 1254 b). Conferir, ainda, Sue Bluendel (1998, p.100) em que a autora discute a idéia clássica da necessidade de um controle do feminino por parte dos homens em Atenas.

7 - No que diz respeito aos estudos relacionados às sociedades celtas, acreditamos ser produtiva uma articulação entre a documentação textual grega e latina com a cultura material e, ainda, em alguns casos, com os textos medievais produzidos em algumas regiões específicas como, por exemplo, a Irlanda e o País de Gales, a fim de se poder analisar mais profundamente uma prática cultural.

8 - Bárbara Cassin e Nicole Loraux fornecem uma contribuição interessante no que diz respeito à questão da língua e sua relação com a *barbárie*. As autoras chamam a atenção para o fato de que é falando que fazemos o político se constituir e de que, em contraposição ao *attikizen* que designa a língua falada pelo cidadão, o *barbarizein* representa, por excelência, o blá-blá-blá inaudível que faz a eponímia dos bárbaros. (CASSIN & LORAUX, 1993, p.9). Julia Kristeva (1994, p.57) igualmente articula o termo ‘bárbaro’ ao recurso onomatopaico imitativo relacionado aos ‘balbucios inarticulados ou incompreensíveis’ de tais sociedades.

Núcleo de Estudos da Antiguidade

Bibliografia

Documentação Textual

ARISTOTLE. **Athenian Constitution. Eudemian Ethics. Virtues and Vices.** Trad: H.Rackham. London: The Loeb Classical Library, 1952.

_____. **Nicomachean Ethics.** Trad: H.Rackham. London: The Loeb Classical Library, 1934.

_____. **Polítics.** Trad.: H. Rackham. London: The Loeb Classical Library, 1990.

ATHENAEUS. **The Learned Banqueters (Vol. II e V).** Trad: S.Douglas. London: The Loeb Classical Library, 2007.

DIODORUS SICULUS. **Library of History.** (Vol. III) Trad: C. H. Oldfather. London: Harvard University Press, 2000.

PLATO. **Laws (Vol. I).** Trad.: R.G. Bury. London: Loeb Classical, 1967.

STRABO. **Geography (Vol. II).** Trad.: Horace Leonard Jones. London: Loeb Classical, 1917.

Bibliografia instrumental e específica

ARNOLD, Betina. **'Honorary Males' or Women of Substance? Gender, Status, and Power in Iron-Age Europe.** In: *Journal of European Archaeology* (1995) 3.2: 153-168 .

AUGÉ, Marc. **A Guerra dos Sonhos: Exercícios de Etnoficção.** Campinas: Papirus, 1998.

BLUNDELL, S. **Women in Classical Athens.** London: Bristol Classical Press, 1998.

CASSIN, B.; LORAUX, N.; PESCHANSKI, C. **Gregos, bárbaros, estrangeiros – A Cidade e seus Outros.** São Paulo: Editora 34, 1993.

CUNLIFFE, Barry. **The Ancient Celts.** Oxford: Oxford University Press, 1997.

_____. **The Celts – A very short introduction.** Oxford: Oxford University Press, 2003.

FREEMAN, Philip. **The Earliest Greek Sources on the Celts.** In: *Études Celtiques*, XXXII, 1996, pp.11-40.

_____. **War, Women and Druids – Eyewitness Reports and Early Accounts of the Ancient Celts.** Austin: University of Texas Press, 2002.

_____. **The Philosopher and the Druids: A Journey among the Ancient Celts.** New York: Simon & Schuster, 2006.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994

LESSA, F.S.. **Divisão sexual dos espaços e conexão das redes de amizade feminina entre os atenienses.** In: *Phoînix*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, pp.124-133.

RANKIN, David. **Celts and the Classical World.** London: Routledge, 2002.

SAID, Edward. **O Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAÏD, Suzanne. **Usages de Femme et Sauvagerie dans l’Ethnographie Grecque d’Herodote a Diodore et Strabon.** In: “La femme dans le monde mediterraneen –Antique I”. Paris: CNRS, 1985, pp.137-150.’

TIERNEY, J.J.. **The Celtic Ethnography of Posidonius.** In: “Proceedings of the Royal Irish Acadamy”, Vol.60, Sec.C, No.5 (1960), pp.189-224.

WELLS, P.S.. **Beyond Celts, Germans and Scythians: Archaeology and Identity in Iron Age Europe.** London: Duckworth, 2002.

Núcleo de Estudos da Antiguidade